

COLÉGIO PEDRO II
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA,
EXTENSÃO E CULTURA
ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA DA
ÁFRICA

Ana Luiza Neves de Oliveira

BIOGRAFIAS ESCRAVAS: A Trajetória de Negros
Escravidados na América

Rio de Janeiro
2025



Ana Luiza Neves de Oliveira

BIOGRAFIAS ESCRAVAS: A Trajetória de Negros Escravizados na América

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de artigo científico apresentado ao Programa de Especialização em Ensino de História da África, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de História da África

Orientador (a) Professor (a) Dr. João Henrique Ferreira de Castro

Rio de Janeiro
2025

COLÉGIO PEDRO II

PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA

BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER

CATALOGAÇÃO NA FONTE

O48 Oliveira, Ana Luiza Neves de
Biografias escravas: a trajetória de negros escravizados na América
/ Ana Luiza Neves de Oliveira. - Rio de Janeiro, 2025.

34 f.

Trabalho de conclusão de Curso apresentado como Artigo Científico (Especialização em Ensino de História da África) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.

Orientador: João Henrique Ferreira de Castro.

1. História da África - Estudo e ensino. 2. Brasil - História - Abolição da escravidão, 1888. 3. Negros - Biografia. 4. Brasil. [Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003]. I. Castro, João Henrique Ferreira de. II. Colégio Pedro II. III. Título.

CDD 960

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB7 5692.

Ana Luiza Neves de Oliveira

BIOGRAFIAS ESCRAVAS: A Trajetória de Negros Escravizados na América

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de artigo científico apresentado ao Programa de Especialização em Ensino de História da África, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de História da África

Aprovado em: ____ / ____ / ____.

Banca Examinadora:

Dr. João Henrique Ferreira de Castro (Orientador)
EEHA – Colégio Pedro II

Me. Glaydson Gonçalves Matta
EEHA – Colégio Pedro II

Dr. Jerônimo Aguiar Duarte da Cruz
UFRJ

Rio de Janeiro
2025

BIOGRAFIAS ESCRAVAS: A Trajetória de Negros Escravizados na América

Ana Luiza Neves de Oliveira

Resumo

Este trabalho faz uma análise das trajetórias e intelectualidades de três autores negros situados em temporalidades diferentes que constroem autobiografias, narrativas e textos filosóficos que abordam suas lutas diárias, suas construções como sujeitos e a percepção de suas intelectualidades.

Este trabalho propõe a análise das três trajetórias como recurso didático e o possível uso das mesmas em sala de aula como recurso pedagógico e em que cada autor se torna um protagonista de sua história, sendo apresentados aos estudantes como sujeitos e agentes no processo de abolição da escravidão.

Os planos de aula citados e a discussão anterior que os embasa foram elaborados e fundamentados na Lei 10639/03 que trata sobre o ensino de história da África e cultura afrobrasileira, principalmente na área de História.

Palavras-chave: biografias negras, ensino de história da África, abolicionismo

BIOGRAFÍAS DE ESCLAVOS: Las trayectorias de los negros esclavizados en America

Resumen

Este trabajo analiza las trayectorias e intelectualidades de tres autores negros situados en temporalidades diferentes que construyen autobiografías, narrativas y textos filosóficos que abordan sus luchas cotidianas, sus construcciones como sujetos y la percepción de sus intelectualidades.

Este trabajo propone el análisis de las tres trayectorias como recurso didáctico y su posible utilización en el aula como recurso pedagógico, en el que cada autor se convierte en protagonista de su historia, presentándose ante los estudiantes como sujetos y agentes en el proceso de abolición de la esclavitud.

Los planes de clase mencionados y la discusión previa que los sustenta fueron elaborados y fundamentados en la Ley 10639/03, que trata de la enseñanza de la historia africana y de la cultura afrobrasileña, principalmente en el área de Historia.

Palabras clave: biografías negras, enseñanza de la historia africana, abolicionismo

INTRODUÇÃO

O ambiente escolar pode ser extremamente violento para crianças negras, sendo os currículos construídos a partir de um pensamento eurocêntrico e masculino, que inclui o negro em um lugar de inferioridade e passividade. Em contraste temos, atualmente, as leis 11.645/2008 e 10.639/03 que definem que todas as disciplinas devem encontrar em seu currículo formas de trabalhar a cultura negra em sala de aula.

A LDB (BRASIL, 1996), organizada em 1996, é a forma de organização e definição da educação brasileira, pensando desde a forma como esse ensino deve ser dado até suas redes de financiamento. Mesmo com seus problemas práticos, como a defasagem de formação de professores em ensino da África e a aplicação na prática do ensino de cultura afrobrasileira, especialmente em comunidades escolares com sua maioria cristã.

Essa questão do cristianismo esbarra no processo de ensino pela confusão estabelecida entre o ambiente escolar laico e a vida privada dos estudantes, que traz uma resistência a essa forma de ensino. As propostas dessa legislação são interessantes para o processo de autonomia e formação dos professores, pois permitem que o trabalho em sala de aula seja feito com o respaldo da lei. Os professores, que antes eram criticados/punidos porque trabalhavam os temas de cultura afro, agora tem uma justificativa e até mesmo exigência de trabalhar o tema.

Os novos materiais didáticos, produzidos a partir da implementação da lei, trabalham os componentes curriculares que abarcam a história e cultura afrobrasileira em suas páginas. Com a lei 10.639/03, muitos cursos de pós-graduação, graduações em História, Geografia, Sociologia e Artes, tiveram, mesmo que de forma tímida inicialmente, a construção de um currículo voltado para as questões negras africanas e brasileiras. Nas redes municipais, federais e estaduais, muitos cursos de formação continuada foram implementados e sugeridos aos professores como forma de garantir a aplicação da Lei. É o caso da Especialização em Ensino de História da África do Colégio Pedro II, criada em 2016, ao qual se vincula o presente trabalho.

Atualmente uma nova complementação à LDB foi organizada. A BNCC promete uma maior integração curricular no ensino básico brasileiro, com os temas geradores centralizados nas questões indígenas e afrobrasileiras. “A Base Nacional Comum Curricular é um documento normativo que define o conjunto progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo da Educação Básica” (BRASIL, 2018).

Com a nova BNCC, o Ensino Médio passa a se organizar em temas geradores e as disciplinas como, por exemplo, as de humanas, passam a ter um encontro mais recorrente com tais temas dentro do currículo.

A BNCC representa uma importante mudança na prática de ensino, portanto, a formação deve focar não apenas no conteúdo a ser ensinado, mas também preparar os professores para o desenvolvimento das competências e habilidades, apoiando-os desde o processo de planejamento de aulas até o de acompanhamento das aprendizagens dos estudantes nessa nova perspectiva. Afinal, para que os professores possam desenvolver nos estudantes as competências definidas na BNCC, em especial as dez competências gerais, é essencial que tenham a oportunidade de vivenciar uma formação que apoie o seu desenvolvimento nesses aspectos (BRASIL, 2018).

Nesse sentido, com as disciplinas integradas, o material didático vem com a novidade de ser elaborado a partir das habilidades e competências de cada disciplina, mantendo a “conversa” entre as disciplinas afins. Um exemplo que podemos ver em que as habilidades e

competências são utilizadas para a elaboração de uma aula é quando falamos de escravização no 1º ano do Ensino Médio.

Nesta aula são propostas análises de conhecimento prévio do estudante sobre o que é escravizar alguém, quais foram as consequências do período colonial, de que lugar esses escravizados vieram e quais os instrumentos utilizados por estes para a resistência à situação que lhes foi imposta. Tendo a BNCC como base, instituímos essa aula a partir da Habilidade EF08HI19 que consiste em formular questionamentos sobre o legado da escravidão nas Américas, com base na seleção e consulta de fontes de diferentes naturezas.

Vemos como necessário repensar o currículo abordando uma postura diferente em sala de aula, uma postura que se distancie das construções eurocêntricas depositadas no terreno escolar. Essa forma inferiorizada como é tratada a história e cultura negra e africana em alguns materiais, como por exemplo, apresentar a figura do negro africano apenas no momento de sua escravização ou desconsiderar as contribuições do negro para a Matemática, Ciência e História, se mostra perigosa devido a seu papel de divulgação de ideologias eurocentradas.

Propostas culturais e pedagógicas podem surgir a partir desses materiais que desconsideram ou minimizam a contribuição do negro para a formação cultural, política e social do mundo. Mesmo com as mudanças aplicadas nos novos livros didáticos, principalmente entre 2010 e 2025, a presença do negro muitas vezes ainda é colocada como uma curiosidade, um “saiba mais” no canto da página. É o exemplo da apostila de Ciências adotada na rede municipal do Rio de Janeiro que, apenas ao fim do terceiro bimestre, apresenta um pequeno box, intitulado “Vamos ler” que, em meio a informações soltas e isoladas, em uma página aborda o tópico “Etnociência africana”.

Você aprendeu que o campo magnético da Terra permite a existência da vida no planeta, mas como explicar a origem de toda a variedade de espécies que conhecemos? Bem, assim como os povos indígenas, os povos de origem africana também apresentam a sua própria forma de interpretar o mundo, e agora é hora de conhecer um pouco da cosmovisão africana.

ETNOCIÊNCIA AFRICANA

VAMOS LER?

A Etnociência possibilita legitimar o conhecimento dos povos que foram cruelmente subalternizados pela hegemonia eurocêntrica. Nesse contexto, os povos tradicionais, detentores dos saberes populares, buscam na maioria das vezes, uma relação harmônica com a natureza, procurando compreender e analisar os fenômenos do meio onde estão inseridos a partir das suas leituras, traduzidos em expressões como músicas, artes, contos, histórias, danças, pinturas, símbolos, jogos e ao fazer que se sobrepõe ao saber. Sendo essas ideias o princípio da Etnociência, a produção de conhecimento passa por um processo de observação científica que envolve todos os sentidos.

Adaptado de UNIAU. Etnociência por ALEXANDRE MOREIRA LOPES. Disponível em: <http://arquivos.uniauerj.br/etnociencia/>

Professora, por falar em sentidos, uma das lembranças que tenho do Sacoã — a comunidade quilombola onde eu cresci — é a geleia de jerivá, uma delícia, por sinal!

Pois, é, Dandara! As comunidades de matriz africana possuem saberes tradicionais sobre o uso de plantas alimentícias não convencionais, como o jerivá, e de plantas medicinais, por isso, são muito importantes para estudos **etnobotânicos**.

5. Você sabe o significado da palavra ETNOCIÊNCIA?

INVESTIGANDO

Vamos preparar shampoo de babosa?

Material: 2 folhas de babosa; água; 2 colheres de sopa de óleo vegetal e shampoo.

Procedimento: 1. Descasque as folhas da babosa, retire o gel da planta e bata em um liquidificador com um pouco de água. 2. Acrescente o óleo vegetal e misture. 3. Adicione à meio frasco de shampoo, agitando bem para misturar o conteúdo do frasco à babosa.

6. Agora, responda:

A) Quais são os benefícios da babosa para o cabelo?

B) Essa planta possui outras propriedades?

CURIOSIDADES

Plantas medicinais e a ancestralidade

No Brasil, algumas religiões de matriz africana mantiveram suas práticas religiosas, preservando o uso sagrado e medicinal das folhas. Um exemplo é a babosa, planta de origem africana, cujo uso é recomendado pela Organização Mundial da Saúde, como cicatrizante e no tratamento de queimaduras.

Caso deseje saber mais, pesquise outras plantas medicinais relacionadas à cultura africana.

HABILIDADES: Relacionar a adaptação dos seres vivos ao ambiente e à sua evolução.

Como poderemos construir uma educação antirracista se o sistema de ensino é racista e seus materiais didáticos não representam mais que estereótipos sobre o lugar do povo negro na sociedade? Essa releitura do currículo é um processo que deve ser pensado, em conjunto com os alunos, construindo o conteúdo de forma a respeitar as particularidades que cada contexto social traz para dentro de sala de aula. As realidades sociais vividas por esses estudantes não são deixadas do lado de fora da sala de aula, elas perpassam o ambiente escolar e influenciam diretamente ou indiretamente na identificação dos estudantes com a escola.

Neste sentido, o presente texto apresenta estratégias de ensino para a contribuição de uma escola antirracista e que valorize a construção de uma identidade negra em seus alunos.

¹ PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO. Secretaria Municipal de Educação. Material Rioeduca 2025. 9º ano. Disponível em: https://multirio.rio.rj.gov.br/materialrioeduca/pdf/viewer.php?arquivo=materiale-rioeduca-9-ordm-ano&pdf=../arquivos/pdf_06027_web-pdf-2025-rioeduca-9-ordm-ano.pdf&id=6027. p. 225. Acesso em: 11 abr. 2025.

O processo de construção de identidade deve ser feito ao longo de todo o caminho educacional e utilizar estratégias como esta pode dar corpo ao trabalho feito juntamente com os alunos.

Os sujeitos históricos que serão citados podem ser utilizados de diferentes formas e em distintas fases do ensino, seja ele Infantil, Fundamental ou Ensino Médio, cada um com uma abordagem diferente. Na educação infantil pode ser utilizado um pequeno teatro de fantoches para representar a vida de cada um desses negros escravizados, enquanto que no Ensino Médio podem-se utilizar esses autores para a produção de textos e elaboração de relatos autobiográficos dos próprios alunos. São diversas possibilidades de trabalho e conhecer um pouco da história desses três personagens, cujos escritos serão discutidos e pensados a seguir, pode servir de inspiração para trabalhos possíveis em sala de aula. Afinal, as biografias escravas são um bom caminho para abandonar uma visão da história calcada em escravos passivos e conferir dignidade e agência para os que foram indivíduos escravizados.

BIOGRAFIAS ESCRAVAS

Neste trabalho serão utilizadas três fontes autobiográficas. A autobiografia de Ottobah Cugoano, que escreveu um livro publicado sob o título *Thoughts and sentiments on the evil of slavery* (CUGOANO, 2022) em Londres em 1787. Também a autobiografia de Juan Francisco Manzano (CASTRO, 2015), um negro, poeta e escravizado em Cuba durante o século XIX, escrita em 1835, e a autobiografia de Mahommah Gardo Baquaqua. Seu texto foi publicado em 1854.

As fontes citadas acima são importantes, pois trazem um novo olhar sobre o escravo no período colonial. Agora podemos enxergá-los como escravizados, ou seja, pessoas negras africanas que foram trazidas para a América e tornadas escravas. O conceito de escravizado cai muito bem na escrita desses autores, pois um escravizado pensa, age, contribui para sua formação, lê, escreve e se rebela contra os males da escravidão. É nesse sentido que trazemos aqui Cugoano, Manzano e Baquaqua, para fazer refletir sobre as possibilidades de escape das opressões do mundo escravista.

Mostrar isso em sala de aula é transformador. A sala de aula pensada neste trabalho é a escola pública, com a maioria dos estudantes se autodeclarando pretos e pardos e vivendo uma realidade social que pode se aproximar da história de vida desses escravizados. Não literalmente, mas no sentido de pertencimento a história e de ser protagonista de sua própria trajetória. Trabalhar com escravizados letrados, intelectuais, poetas e abolicionistas é uma virada de chave no discurso de apatia e de subserviência dos negros no processo de escravização, trazendo uma possibilidade de luta para os alunos envolvidos nesse processo transformador.

No decorrer deste trabalho trataremos de três personagens importantes na história da escravidão e esses personagens servirão de inspiração para a produção de planos de aula que devem ser aplicados no 6º ano, 7º ano do Ensino Fundamental e 1º ano do Ensino Médio.

Esses sujeitos ainda não estão representados nos livros didáticos, sua descoberta e tradução são muito recentes e os trabalhos elaborados com esses autores ainda são pouco divulgados. Neste trabalho iremos conhecer um pouco da história de vida de cada um deles e pensar estratégias para desenvolver um trabalho em sala de aula a partir dessas histórias e também baseados na Lei 10.639.

Ottobah Cugoano



Ottobah Cugoano foi um negro escravizado, sequestrado de uma região chamada Aquimake, em África. Segundo seu relato, estava passeando com amigos quando foi brutalmente sequestrado e enviado à América, mais especificamente para a região de Granada. Após conseguir sua liberdade, foi para Londres e conseguiu estudar e escrever seu livro *Pensamentos e sentimentos sobre a escravidão*.

Seu livro foi escrito enquanto trabalhava para um casal de britânicos em 1787 e foi vendido por livreiros abolicionistas. Seu texto tem clara inspiração nos valores ocidentais cristãos e foi publicado no Comitê de Londres para a Abolição do Comércio de Escravos.

Com base nos escritos de Ottobah sabemos que ele nasceu em 1757, na região de Fantee na cidade de Akumako. Seu pai tinha como função social ser um acompanhante do rei, vinculando o grupo familiar de Ottobah a partir do trabalho, à Casa dos Reis (Ahenfie). Com a sucessão real, Ambro Accasa assumiu o comando da região e Cugoano foi enviado para acompanhar um sobrinho do novo Rei. Após alguns anos de serviço ele decidiu visitar um tio em uma cidade do interior, a dois dias de viagem de Ajumako, e é durante essa viagem que sua vida mudou radicalmente. Cugoano tinha, aproximadamente, 13 anos no momento dessa viagem, uma idade significativa tendo em vista o sofrimento que estaria por vir.

Em uma de suas aventuras com os jovens da região, encontraram um “bando de rufões” que insistem que esses jovens haviam cometido um erro grave contra o senhor daquelas terras e os obrigam a fazer uma viagem até esse suposto senhor. Nesse momento Cugoano nos trás alguns detalhes sobre a viagem, que podem ajudar a mapear sua trajetória pelo Atlântico. Sabemos que após alguns dias ele encontrou uma região com pessoas brancas, o medo toma conta de seu corpo, um medo de ser devorado por esses homens brancos. Ele identifica a presença de pessoas negras acorrentadas, algemadas em sofrimento e que permanecem por dias aguardando a chegada da embarcação. São conduzidos ao porão do navio e aguardam a tão temida viagem.

A viagem teve seu destino final em Granada, próximo à ilha de Barbados, na América, onde permaneceu como escravizado. Passado alguns meses, Ottobah Cugoano, foi levado à Inglaterra e lá conta que após algum tempo teve sua liberdade reconquistada e encontrou uma situação de vida, que segundo ele, era mais confortável; frequentou uma escola formal para aprender a ler e escrever em inglês e conquistou o que ele considerava o mais importante em toda a sua vida, o conhecimento sobre o Deus dos cristãos. A partir de sua conversão, seus escritos se voltam para o fim da escravidão e do tráfico de escravizados/das, utilizando a argumentação de que os valores cristãos não poderiam ser utilizados como justificativa para o processo de escravização (OLIVEIRA, 2022)

Após a descrição no início do seu texto sobre seu sequestro e de seu tráfico, Cugoano passa a criticar o tráfico de escravos utilizando a sensibilidade trazida em seu relato atrelada à religiosidade cristã. Em sua crítica ao tráfico, ele deixa claro que os homens que insistem nesse tão vil comércio são homens amaldiçoados e não cristãos. Segundo Cugoano

quanto mais aqueles homens insistem em práticas de maldade e perversidade, mais descontrolados eles ficam; nada na história pode ser comparado à barbaridade e à crueldade das torturas e assassinatos cometidos sob vários pretextos durante a escravidão moderna, exceto os anais da Inquisição e os sangrentos éditos dos massacres papais. É, portanto, manifesto, que algo mais deve ser feito, e o que é preciso, é evidentemente o dever incumbente de todos os homens esclarecidos, e de todo homem que reivindique ou que tenha afinidade com o nome de Cristão, que o tratamento miserável ao que os escravos africanos estão submetidos, deve ser abolido; e é ainda mais evidente, que todo e qualquer parte desse tráfico iníquo de escravos, não pode em quaisquer lugares ou níveis, ser admitido, a não ser entre aqueles que eventualmente renunciam suas próprias pretensões de qualquer nível de sensibilidade e humanidade, como os bárbaros e russos (CUGOANO, 2022).

A questão da cristandade é vital em todo o seu discurso e em alguns momentos ele chega a falar sobre a maldição que o cristianismo impôs aos negros, a maldição de Cam. Ele recorre ao cristianismo como forma de sensibilização e responsabilização sobre o fim do tráfico de escravos. O ineditismo deste trabalho é justamente a construção filosófica de seu texto com uma discussão sobre os limites entre ser cristão e ser um traficante ou apoiador da venda de escravos. Apresentar aos alunos um ex-escravizado filósofo é libertador e ao mesmo tempo um objeto de potência a ser utilizado em sala de aula.

Juan Francisco Manzano

Nosso segundo personagem é Juan Francisco Manzano. Nascido em 1797 em Cuba e escravizado por uma escritora bem sucedida chamada Marquesa de Jústiz de Santa Ana. Sua trajetória de vida se passa em grande parte no engenho El Molino, que pertencia à família que detinha sua propriedade, e por um breve período no engenho de San Miguel, ambos situados em Matanzas. A única autobiografia escrava conhecida até os dias de hoje produzida na América Latina foi resultado do patrocínio de um grupo de literatos cubanos que, ao ouvirem os poemas de Manzano, viram ali uma oportunidade de agregar a causa do abolicionismo e de sensibilizar a população.

Sua vida se dá em um período de intensas mudanças na sociedade cubana. Em uma conjuntura de abolições, a ilha possuía lideranças que vislumbravam a permanência de Cuba como uma sociedade extremamente escravista e, em um esforço pró-escravidão, discursos e atitudes governamentais eram elementos que permitiam a perpetuação do sistema escravista em Cuba. Esse esforço se dá também através do medo dos senhores de escravos que rebeliões como as que aconteceram no Haiti acontecessem ali com a mesma intensidade. Cuba foi então uma região de centralização do escravismo internacional, com suas bases fincadas no sistema escravista (BREBEL, MARQUESE, PARRON, 2009)

Em Cuba, a solução para manter as relações escravistas e os privilégios de classe foi se articular cada vez mais em um projeto de união com o Império Espanhol. Por outro lado, existiam disputas e dentro do grupo de crioulos, membros da elite local, aqueles que almejavam a construção de uma nação baseada no campesinato livre, na nacionalidade e independência e em contraponto à defesa da expressiva dominação colonial açucareira escravocrata.

A relação entre Cuba e Espanha e a busca pela manutenção da estrutura colonial pode ser explicada pela grande presença militar espanhola em Cuba e também das elites refugiadas que fugiam das revoltas que estavam ocorrendo na América Central, trazendo consigo o medo das consequências de uma nova revolta escrava na ilha. Parte dela, nutria esperança na continuidade do reformismo napoleônico e relativa autonomia alcançada por Cuba naquele período, rejeitando, contudo, reformas estruturais como a abolição da escravatura.

Neste contexto, Juan Francisco publicou diversos poemas antes de escrever sua autobiografia na década de 1830. Em 1842 escreveu uma peça de teatro chamada *Zafira*. Entre seus escritos estão os poemas: ‘A la ciudad de Matanzas después de una larga ausencia’; ‘Mis Treinta años’; ‘La cocuyera’; ‘La música’ e ‘A la luna’;

Para a cidade de Matanzas depois de uma longa ausência.

Testemunhe um tempo, campo afortunado,

Eu era do teu mato: mangue e uva
o viajante contemplou o balanço em você,
que frequentava sua carranca montanhosa.

Agora procuro em vão na velha ponte
suas uvas, manguezais e os beirais cor de palha
da cabana abatida, onde o caçador
Ele escondia sua pobreza, mendigo, ociosidade.

Tudo desapareceu: seu quadrado cresce,
e fugindo, te deixam povoado
selva, ervas daninhas e sombra de camponês.

Tanta variedade proporciona alegria;
porque quem te abandonou tão miseravelmente,
Hoje ele te vê com prazer filial e olha para fora.²

Em seu texto são encontradas algumas questões de maior destaque como sua relação com a escrita; sua relação com as elites e familiares; os castigos corporais sofridos e a questão da liberdade. Sua vida foi amplamente utilizada para fortalecer o movimento abolicionista no século XIX. Sua narrativa circulou em Cuba e foi traduzida no ano de 1840 para o inglês por Richard Madden, seu patrocinador e um dos principais articuladores para o fim do tráfico na região.

As discussões sobre o fim do trabalho escravo foram reprimidas nos espaços públicos e as discussões sobre abolição direta ou abolição gradual com indenizações eram discutidas nos espaços abolicionistas. O processo de abolição precisava ser controlado pelos setores brancos e da elite da sociedade cubana. Africanos e seus descendentes atuaram nas trincheiras do abolicionismo, mas seu protagonismo era negado pelo medo de uma nova revolução como foi a de São Domingos. Um medo que limitava o apoio das abolicionistas apenas as manifestações não-radicais e mantinha a participação negra nos bastidores da abolição cubana, com o dever de apenas sensibilizar, com sua escrita, os brancos europeus sobre os horrores da escravização.

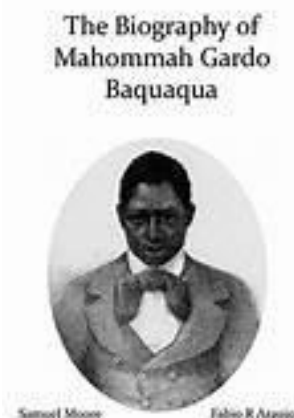
² Disponível em <http://juanfranciscomanzano.com/es/poesias/> Acesso em 14 de abril de 2025.

A sociedade abolicionista espanhola em Madrid (1865), por sua vez, defendia um processo abolicionista controlado pelo Estado e pelas elites, ao mesmo tempo em que na parte ocidental de Cuba, a demanda por escravizados era tão grande que manteve por muito tempo uma luta articulada a outros países escravistas, como o Brasil e o sul dos Estados Unidos, para a manutenção do tráfico de escravos. Com a pressão abolicionista, alguns direitos foram conquistados, como a promessa de uma abolição gradual em que filhos de escravizados nasciam livres e idosos maiores de 60 anos seriam libertos. História semelhante ao processo gradual de abolição do escravismo ocorrido no Brasil.

O contexto cubano, com uma elite significativamente empenhada na manutenção do escravismo, não era favorável ao cumprimento dessas medidas e mais debates foram inflamados na ilha. Quando o Império Espanhol tirou os direitos constitucionais (BERBEL, MARQUESE, PARRON, 2009) de seus súditos cubanos, em fins do século XIX quando a intelectualidade e os governos europeus já repudiavam o escravismo, e promoveu um isolamento da ilha, os debates sobre escravidão e abolição atingiram os dois lados e o tráfico de escravos passou a ser visto como principal fator para a falta de representação.

A compreensão da biografia de Manzano e seu uso em sala de aula pode ser uma ferramenta de trabalho para a construção de uma educação positiva em relação aos negros na sociedade brasileira. Uma das conexões que podem surgir entre sua autobiografia e o ensino de História é seu uso durante as aulas de escravismo para eliminar perspectivas em que o negro é visto como objeto inanimado e sem complexidades. Com este trabalho, o professor pode relacionar as escolhas do autor em sua vida e seus conflitos em relação a seus senhores, uma relação que flutua entre a raiva e a compaixão. No plano de aula aqui exposto, demonstro uma das formas de se trabalhar esta biografia com os alunos do ensino fundamental.

Mahommah Gardo Baquaqua



A jornada de Mahommah Gardo Baquaqua para a América aqui será tratada através do texto de Lovejoy, *Identidade e Miragem da Etnicidade* de 2002, e nos surpreende pelas regiões em que passou. Primeiro no Brasil, depois na América do Norte, no Haiti, Canadá e Inglaterra. Essas passagens fundamentam a identidade do sujeito como um corpo negro diaspórico. Sua trajetória começa em território africano, mais especificamente em Djougou, à época reino de Daomé e atualmente Benim, em 1824³, com seu sequestro e processo de escravização em Daboya, localizada no território de Gana.

Sua família era ligada ao comércio de nozes de Obi e ouro de Axanti e era de linhagem árabe. Essas informações são fornecidas em sua biografia *An Interesting Narrative*.

³ Data provável de seu nascimento.

Biography of Mahommah G. Baquaqua (Uma narrativa interessante. Biografia de Mahommah G. Baquaqua) e também confirmada pelas pesquisas de Lovejoy na região africana.

É provável que Baquaqua tenha sido embarcado para oeste, através de Agoué, porque a laguna a leste de Uidá não era, normalmente, navegável durante a estação da seca, e Baquaqua afirma que viajou por água (LOVEJOY, 2022).

Chegando ao Brasil, Baquaqua é comprado por um padeiro de Olinda e viveu na escravização com esse senhor por dois anos. Sua indisciplina e seu apreço pela bebida fizeram com que seu senhor o vendesse a Clemente José da Costa e passou a trabalhar como marinheiro em um navio chamado Lembrança, relatando diversos castigos físicos. Fez duas viagens ao sul do Brasil e uma para Nova Iorque em 27 de junho de 1847. Nesta viagem tentou alcançar sua liberdade juntamente com os abolicionistas norte-americanos. Foi preso e mesmo após tentativas de Habeas Corpus de companheiros abolicionistas sua liberdade lhe foi negada e teve que retornar ao navio de Clemente José. No entanto, sua liberdade seria alcançada de forma inusitada: ele e seu companheiro de cela José da Rocha fugiram após uma distração do carcereiro.

Após a fuga foram para o “país da liberdade”, como chamavam o Haiti, porém ao chegar lá tiveram sérias dificuldades em se adaptar ao local devido ao desconhecimento da língua. Com essa situação, Baquaqua se entregou à bebida e um tempo depois conheceu o Reverendo William L. Judd, da sociedade da Missão Livre Batista Americana, e se mudou para sua casa. Com a família do reverendo, Baquaqua vai para Nova Iorque e passa a estudar no Central College. Em janeiro de 1854 ele foi para o Canadá Oeste e se tornou um súdito britânico. Por lá, publicou seu livro em agosto de 1854: o livro foi registrado no cartório do escrivão da Corte Distrital, Distrito de Michigan (EUA), em 21 de agosto de 1854.

Após a publicação de seu livro, Baquaqua começa sua tentativa de retornar à África. Tentou com a missão Mendi para Serra Leoa e não conseguiu. Tentou com a Missão Livre Batista Americana e também não conseguiu. Baquaqua, enfim, some e após 1857 na Inglaterra, onde se encontram as fontes sobre sua trajetória estudadas por Gilroy, não há registros de sua trajetória.

Segundo Gilroy, durante a diáspora, os africanos e seus descendentes criaram um sistema ou paradigma de reflexão sobre a modernidade e suas consequências que continua presente nas disputas culturais e políticas atuais. Por exemplo, a dupla consciência, sinal diacrítico da história intelectual gestada no Atlântico Negro, seria o aspecto mais visível daquele paradigma ou o eu dividido entre o continente de origem e aquele em que aportou o africano (SANTOS, 2008).

Podemos assumir que Baquaqua, assim como os mais de 15 milhões de escravizados tinha, provavelmente, um relacionamento dicotômico entre sua relação com a África e a nova região que lhe foi imposta. A mudança repentina de religiosidade, por exemplo, pode ser uma virada de chave para compreender como as estruturas escravagistas atuavam na época, principalmente como imposição cultural e social ao negro africano. Em sua autobiografia e em sua história de vida podemos perceber a relação de pertencimento e de luta contra o escravismo no mundo da diáspora e sua vontade de retornar à África para viver com seus irmãos.

Trabalhar com Baquaqua em escolas públicas é demonstrar uma nova versão da história, muitas vezes esquecida pelos estudos eurocêntrico que conectam o negro apenas a uma relação de escravo e senhor. Na realidade esta relação é muito complexa e muitas vezes abriu caminho para a construção de um espaço abolicionista nas américas. Os movimentos

abolicionistas foram primordiais para a fuga de Baquaqua nos Estados Unidos e sua reivindicação por liberdade na justiça americana.

A trajetória desse personagem nos remete a uma movimentação do trabalho escravo, primeiro pôr perceber que o trabalho escravo não se resumia a trabalhos no campo ou como negros de ganho nas cidades. Os negros escravizados estão presentes nas padarias, lojas de artesanato e em navios, como foi o caso de Baquaqua. E sua circulação deu as ferramentas possíveis para que ele pudesse articular uma vida além da escravização.

Em sala de aula, podemos explorar essa escravização diferente das vistas nas escolas e as relações entre os senhores e os escravizados em outros ambientes. No plano de aula proposto neste trabalho será possível perceber o ineditismo de sua obra para abordar o trabalho escravo no Brasil a partir de sua aplicação com os alunos.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO METODOLÓGICA

Com a primeira geração dos *Annales*, a valorização extrema das estruturas, acabou por deixar os relatos em um lugar de desvalorização. A escrita da História em forma de testemunhos ou relatos foi, durante muito tempo, deixada de lado e criticada pela historiografia tradicional. Sendo assim, a recusa ao texto literário de forma geral, e também aos ensaios, diários, narrativas, inviabilizaria o estudo e a análise de fontes históricas desta natureza como produtos científicos.

Tais fontes, entretanto, existem e aqui são os alvos de nosso interesse e estudo. Na América do Norte, diferente da América do Sul, existe uma tradição de narrativas escravas, ligadas principalmente ao processo de construção do abolicionismo inglês. As biografias e narrativas eram publicadas em jornais e convenções abolicionistas. Já as narrativas de africanos são pouco conhecidas, não são elaboradas em grandes quantidades e também não são publicadas. Bem provável que essa diferença se dê no incentivo que os abolicionistas ingleses e norte-americanos deram para a elaboração desses relatos. Compreender narrativas como documentos históricos possibilita ver como esses sujeitos se constituem para além do texto.

Para quem eles escrevem, onde são publicadas e também a recepção do público aos textos, aspectos cruciais para a interpretação de fontes textuais como sempre enfatiza Roger Chartier em obras como *Mobilidade e materialidade dos textos*. E que referendam o principal ponto do trabalho do historiador que é perceber o contexto histórico em que essa escrita ocorre e analisá-lo.

Nas narrativas produzidas por escravizados, o autor se torna um sujeito a partir de sua vivência como homem negro escravizado. E obras como *Nascidos na escravidão* são exemplos de como analisar tais escritos.⁴

Por fim, cabe registrar a necessária atenção ao processo de escrita, fundamental para a formação do escritor, devido a sua capacidade de estabelecer relações com o passado e pela possibilidade de organizar e realizar escolhas. É nesta reorganização que o autor cria uma nova relação com seu passado. Falar ou não falar? Essa é uma questão que perpassa a escrita de escravizados. São escolhas políticas, individuais e também estratégicas de manutenção da própria vida.

⁴ Ver: GOLLAIN, Françoise. *Nascidos na escravidão: depoimentos norte-americanos*. São Paulo: Editora Hedra, 2020.

CONCLUSÃO

Ao falar em processos educativos não podemos deixar de analisar a nova BNCC que regulamenta o Ensino Médio no Brasil e, principalmente, a lei 11.645/2008 que altera a LDB e torna obrigatório o ensino de cultura africana, afro-brasileira e indígena. Apesar das críticas à efetividade desta legislação, sua importância não deve ser negada e este trabalho buscou somar neste debate.

As biografias aqui trabalhadas permitem desconstruir a ideia padronizada de que os escravizados estão presentes apenas nas grandes plantations, nas cidades como quitandeiras ou trabalhadores urbanos, sem alternativas e possibilidades de resistir e existir como seres humanos. Que esses homens e mulheres escrevem, são protagonistas de suas próprias vidas e que a todo tempo estão negociando e “gingando” com o escravismo.

As estruturas educacionais e sociais devem ser transformadas e resignificadas para conseguirmos dar início a um processo de educação antirracista que, de fato, auxilie na redução da violência física, intelectual e epistêmica nas escolas. As mudanças historiográficas percebidas a partir da lei 10.639, estão relacionadas a reivindicações de movimentos sociais, movimentos negros e a mudança na composição racial acadêmica nas universidades e institutos de pesquisa.

Novas possibilidades são exploradas, permitindo a análise histórica com relatos, autobiografias, ações judiciais e a história oral, modificando a ideia de uma forma estática de escravidão. E dessa forma podemos perceber a complexidade das relações em uma sociedade escravista.

Partindo de um projeto de educação antirracista e de valorização das identidades negras na escola foram elaborados três planos de aula sobre cada personagem tratado aqui neste trabalho, Manzano, Baquaqua e Cugoano. Os planos de aula foram divididos em objetivos que visam estabelecer para o professor quais os conhecimentos os alunos devem adquirir com a aula ministrada. As estratégias e metodologias são as análises do conteúdo histórico tratado nos objetivos e os recursos didáticos devem vir acompanhados aqui da realidade escolar em que o professor se insere. Se ele tem acesso a projetor, caixa de som e ferramentas para tornar a aula mais atrativa para os jovens. Por último, temos a atividade avaliativa que pode variar de acordo com o andamento da aula. Ela pode já estar pronta previamente ou ser elaborada de acordo com a resposta dos alunos ao conteúdo abordado em sala de aula.

Os planos de aula são um pontapé inicial para o trabalho dessas biografias nas escolas, mas os professores estão livres para realizar suas alterações de acordo com o tempo disponível e os recursos didáticos que possuem. O que importa, na realidade, é apresentar esses três personagens aos alunos e contribuir para a desconstrução dos corpos negros do passado como escravos sem agência e personagens passivos da história.

REFERÊNCIAS

- BERBEL, Márcia; MARQUESE, Rafael; PARRON, Tâmis. *Escravidão e política: Brasil e Cuba, 1790 - 1850*. São Paulo, 2009.
- BRASIL. Lei nº10.639, de 9 de janeiro de 2003. Diário Oficial. Brasília-DF, 2023. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm. Acesso em: 23 abr. 2023
- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018.
- CASTRO, Alex. *A autobiografia do poeta-escravo*. São Paulo: Hedra, 2015
- CUGOANO, Quobna Ottobah. *Thoughts and sentiments on the evil of slavery*. Originalmente publicado em Londres 1787. *Pensamentos e Sentimentos sobre o mal da escravidão - Quobna Ottobah Cugoano*. Traduzido por: José Ygor Pena. Rio de Janeiro, 2022.
- DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016
- FERREIRA, Marieta de Moraes. “Testemunhos”. In: FERREIRA, Marieta Moraes; OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de. *Dicionário de ensino de história*. Editora: FGV, 2019.
- LOVEJOY, Paul E. *Identidade e a miragem da etnicidade. A jornada de Mahommah Gardo baquaqua para as Américas*. Afro-Ásia: 27, 2002.
- MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- MOORE, Samuel. *Biography of Mahommah G. Baquaqua. A Native of Zoogoo, in the Interior of Africa (A Convert to Christianity,) with a Description of that Part of the World; including the Manners and Customs of the Inhabitants* (Detroit: Geo. E. Pomeroy & Co., 1854)
- MOTTA, Marly Silva da. *O relato biográfico como fonte para a história*. Vidya, Santa Maria (RS), nº 34, p.101-122, jul./dez. 2000
- OLIVEIRA, Ana Luiza. *Literatura de cativo: tradução e reflexões sobre a narrativa escrava de Ottobah Cugoano e a incorporação do protagonismo e intelectualidade negra no ensino de história*. ProfHistória, 2022.
- SANTOS, JÁ. “Diáspora africana: paraíso perdido ou terra prometida.” In: MACEDO, JR., (org.) *Desvendando a história da África* [online]. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008. Diversidades, series, pp. 181-194.
- SILVA, Alexandra Lima. “Folhas de ébano (auto)biografias de escravizados e ensino de História.” *Revista História Hoje*, v. 7, nº 14, p. 263-284 – 2018

PRODUTO PEDAGÓGICO

As trajetórias de Ottobah Cugoano, Juan Francisco Manzano e Mahommah Gardo Baquaquana diáspora e suas narrativas abrem possibilidades para trabalhar o currículo de História em sala de aula, podendo ainda dialogar com outras narrativas de escravizados e/ou fontes diversas realizando uma comparação entre elas. Como exemplo, pode-se pensar na reunião de tais fontes para a elaboração de uma aula desenvolvendo as habilidades e competências dos alunos em relação ao processo de escravização nas Américas.

Os três autores utilizados neste trabalho são marcados pela violência da escravização e têm experiências distintas que podem ser exploradas com os alunos. A elaboração de biografias negras tem a potência de se tornar alternativa no desenvolvimento de atividades e até mesmo uma releitura do currículo e revisão de materiais escolares utilizados em sala de aula. Iniciativas fundamentais para o cumprimento da lei 10639/2003.

Podemos citar aqui como projeto antirracista a elaboração de uma tarefa componente da 11ª Olimpíada Nacional em História do Brasil que tratou dos “Esquecidos da História” e deu aos alunos a possibilidade de escrever e montar algumas páginas de um livro didático para a competição.⁵ A tarefa era complexa e exigia muito conhecimento histórico dos alunos, foram feitas perguntas do tipo:

quem são os sujeitos da história que por muito tempo não mereceram datas comemorativas, monumentos ou destaque dentro dos livros didáticos? Quem são os sujeitos históricos que, embora estudados pelos historiadores e cientistas sociais atualmente e muitas vezes mencionados em sala de aula pelos professores, são rejeitados por parte da sociedade, pela narrativa dominante dos meios de comunicação de massa e até mesmo por uma parcela dos estudiosos que prefere negar a sua importância? Por que alguns protagonistas trazem desconforto às narrativas estabelecidas?⁶

Também as narrativas escritas por escravizadas e escravizados africanos formam um gênero literário potente que auxilia o professor em sala de aula e as aqui estudadas poderiam tranquilamente se adequar a tarefa proposta acima, fossem sujeitos históricos brasileiros. Essas narrativas são trabalhadas em sala de aula como textos autorais, incentivando a identificação do aluno com o autor do texto, uma identificação gerada através da leitura. Assim, abrimos possibilidades para que os estudantes percebam as diversas formas de luta dos escravizados, gerando um processo de identificação entre os estudantes e os autores destas narrativas.

⁵ <https://www.olimpiadadehistoria.com.br/especiais/excluidos-da-historia/>. Acesso em 14 de abril de 2025

⁶ <https://www.olimpiadadehistoria.com.br/especiais/excluidos-da-historia/>. Acesso em 14 de abril de 2025

1. Mahommah Baquaqua

Plano de Aula

TEMA DA UNIDADE: O tráfico de escravos para o Brasil.

TEMPOS DE AULA: 2 aulas de dois tempos consecutivos, totalizando 4 tempos de aula (2 semanas)

Aula 1 □ Apresentação do tema: Tráfico de escravos e a diáspora africana

Aula 2 □ O africano como sujeito de sua própria história: Mahommah Baquaqua

Aula 3 □ Autobiografia de Mahommah Baquaqua

Aula 4 □ Avaliação: criação de histórias em quadrinhos

PÚBLICO-ALVO: 6º ano do Ensino Fundamental.

BIBLIOGRAFIA:

LOVEJOY, Paul E. *Identidade e a miragem da etnicidade. A jornada de Mahommah Gardo baquaqua para as Américas*. Afro-Ásia: 27, 2002.

SANTOS, JÁ. “Diáspora africana: paraíso perdido ou terra prometida.” In: MACEDO, JR., (org). *Desvendando a história da África* [online]. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008. Diversidades, series, pp. 181-194.

MOORE, Samuel. *Biography of Mahommah G. Baquaqua. A Native of Zoogoo, in the Interior of Africa (A Convert to Christianity,) with a Description of that Part of the World; including the Manners and Customs of the Inhabitants* (Detroit: Geo. E. Pomeroy & Co., 1854)

AULA 1 e 2 – Tráfico de escravos e a vida de um africano no Brasil: Mahomed Baquaqua

Objetivos	Metodologia/ Estratégias	Recursos	Atividades
Ao final da aula, o aluno deverá ser capaz de:	Exposição dialogada da temática da aula	Quadro branco e piloto	Análise conjunta dos conhecimentos adquiridos durante a aula com uma relação de perguntas e respostas
Analisar as questões relacionadas ao tráfico de escravos	Trazer os conhecimentos prévios dos alunos adquiridos em aulas	Projeto	

Caracterizar o tráfico de escravos	anteriores sobre escravização africana	Caixa de som	Elaborar um pequeno texto, de no máximo 3 linhas, sobre os conhecimentos adquiridos na aula junto com o professor e apresentar na aula 3 e 4.
Compreender o sujeito africano como agente de sua própria história	Mostrar para os alunos algumas informações da base de dados Slave Voyage ⁷		

AULA 3 e 4 – A trajetória e a vida de Mahomed Baquaqua

Objetivos	Metodologia/ Estratégias	Recursos	Atividades
Ao final da aula, o aluno deverá ser capaz de:	Apresentar de forma dialogada a vida de Mahommah Baquaqua	Quadro branco e piloto	O aluno deverá elaborar, em grupo de 4 alunos, uma página de uma revista em quadrinhos que relate de forma lúdica a vida e a trajetória de Baquaqua no Brasil.
Conhecer a vida e a obra de Mahomed Baquaqua, único relato conhecido de um escravizado no Brasil	Analisar junto aos alunos trechos da obra de Baquaqua ⁸	Projektor	
Compreender o processo de escravização como um momento complexo e baseado na agência escrava.	Apresentar aos alunos o vídeo “conheça a história de Baquaqua” ⁹	Caixa de som	
		Material complementar com trechos da obra de Baquaqua	

⁷ Ver Anexo 1.

⁸ Ver Anexo 2.

⁹ Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=FrmR0pLeXdg>. Acesso em 14 de abril de 2025

2. Juan Francisco Manzano

Plano de Aula

TEMA DA UNIDADE: A vida de um escravizado em Cuba.

TEMPOS DE AULA: 2 aulas de dois tempos consecutivos, totalizando 4 tempos de aula (2 semanas)

Aula 1 □ Apresentação do tema: Diáspora africana e africanidade em Cuba.

Aula 2 □ Escravizados e agência escrava: Juan Francisco Manzano

Aula 3 □ Autobiografia de Juan Francisco Manzano

Aula 4 □ Avaliação: Apresentação para a turma sobre a vida de Manzano em cartolinas.

PÚBLICO-ALVO: 7º ano do Ensino Fundamental.

BIBLIOGRAFIA:

CASTRO, Alex. *A autobiografia do poeta-escravo*. São Paulo: Hedra, 2015

FERREIRA, Marieta de Moraes. “Testemunhos”. In: FERREIRA, Marieta Moraes; OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de. *Dicionário de ensino de história*. Editora: FGV, 2019.

BERBEL, Márcia; MARQUESE, Rafael; PARRON, Tâmis. *Escravidão e política: Brasil e Cuba, 1790 - 1850*. São Paulo, 2009.

AULA 1 e 2 – O contexto histórico cubano e o processo abolicionista

Objetivos	Metodologia/ Estratégias	Recursos	Atividades
<p>Ao final da aula, o aluno deverá ser capaz de:</p> <p>Analisar o processo de escravização em Cuba no século XIX</p> <p>Relativizar a relação entre negros escravizados e abolicionistas brancos</p> <p>Analisar a construção do processo do abolicionismo</p> <p>Construir junto aos alunos a análise dos ideais abolicionistas em Cuba</p>	<p>Exposição dialogada sobre a temática do escravismo e da abolição na ilha cubana</p> <p>Texto sobre a escravização em Cuba¹⁰</p> <p>Análise do mapa da América e localizar geograficamente os alunos na ilha de Cuba¹¹</p> <p>Exposição dialogada sobre os personagens abolicionistas na ilha cubana¹²</p>	<p>Quadro branco e piloto</p> <p>Mapa da América</p>	<p>Leitura do texto para responder as seguintes perguntas:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. O que é escravização? 2. Por que alguns grupos defendiam a abolição da escravidão? 3. Quem são os abolicionistas?

¹⁰ Ver anexo 3.

¹¹ Ver anexo 4.

¹²BERBEL, Márcia; MARQUESE, Rafael; PARRON, Tâmis. *Escravidão e política: Brasil e Cuba, 1790 - 1850*. São Paulo, 2009.

AULA 3 e 4 – Juan Francisco Manzano, o poeta escravizado

Objetivos	Metodologias / Estratégias	Recursos	Atividade
<p>Ao final da aula, o aluno deverá ser capaz de:</p> <p>Reconhecer os processos de escravização</p> <p>Ser capaz de compreender a agência escrava durante o século XIX</p> <p>Analisar a história de vida de Manzano</p>	<p>Demonstrar para os alunos como viviam os escravizados em Cuba no século XIX</p> <p>Exposição do site sobre a vida de Juan Francisco Manzano¹³</p> <p>Exposição dialogada sobre a vida e a trajetória de Manzano</p> <p>Relação de Juan Francisco Manzano com os setores abolicionistas cubanos</p>	<p>Quadro branco / Piloto</p> <p>Projeto</p> <p>Material complementar com trechos da obra de Manzano¹⁴</p> <p>Tradução do poema Mis Treinta años¹⁵</p> <p>Análise do poema escrito pelo escravizado</p> <p>Exposição do livro físico do autor</p>	<p>Elaborar, em grupo de 4 pessoas, um cartaz com as seguintes informações sobre Manzano:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Sua história de vida 2. A sua contribuição histórica do personagem 3. Fotos e imagens

¹³<https://juanfranciscomanzano.com/>. Acesso em 14 de abril de 2025

¹⁴ Ver anexo 5.

¹⁵ Ver anexo 6.

3. Ottobah Cugoano

Plano de Aula

TEMA DA UNIDADE: A análise da vida de um filósofo negro na Inglaterra no século XVIII

TEMPOS DE AULA: 3 aulas de três tempos consecutivos, totalizando 6 tempos de aula (2 semanas)

Aula 1 □ O que é filosofia e escrita da história? Pode um negro ser filósofo e escritor?

Aula 2 □ Trajetória e luta de Ottobah Cugoano pelo fim da escravidão; Análise do texto de Cugoano junto com os alunos

PÚBLICO-ALVO: 1º ano do Ensino Médio;

BIBLIOGRAFIA:

CUGOANO, Quobna Ottobah. *Thoughts and sentiments on the evil of slavery*. Originalmente publicado em Londres 1787. *Pensamentos e Sentimentos sobre o mal da escravidão* - Quobna Ottobah Cugoano. Traduzido por: José Ygor Pena. Rio de Janeiro, 2022.

FERREIRA, Marieta de Moraes. “Testemunhos.” In: FERREIRA, Marieta Moraes; OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de. *Dicionário de ensino de história*. Editora: FGV, 2019.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Diário Oficial. Brasília-DF, 2023. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm. Acesso em: 23 abr. 2023

OLIVEIRA, Ana Luiza. *Literatura de cativo: tradução e reflexões sobre a narrativa escrava de Ottobah Cugoano e a incorporação do protagonismo e intelectualidade negra no ensino de história*. ProfHistória, 2022.

AULAS 1 e 2

Objetivos	Metodologias/ Estratégias	Recursos	Atividade
<p>Ao final da aula, o aluno deverá ser capaz de:</p> <p>Compreender a existência de uma história eurocentrada e uma história decolonial</p> <p>Desconstruir a ideia de que a história é feita por personagens brancos</p> <p>Analisar um texto filosófico e compreender suas nuances racializadas</p> <p>Historicizar o processo de escravização a partir do relato de um ex - escravizado</p> <p>Compreender os diferentes processos de escravização</p> <p>Analisar textos históricos e textos filosóficos</p>	<p>Exposição dialogada sobre os diversos tipos de ensino de história</p> <p>Apresentação da construção da história eurocentrada</p> <p>Aula interdisciplinar com a equipe de Filosofia da escola</p> <p>Explicar o que é filosofia europeia e africana e suas diferenças</p> <p>Contextualizar o aluno no período histórico em que se passa a vida de Cugoano</p> <p>Apresentar trechos da obra do autor para a análise dos conteúdos filosóficos e onde ele nos mostra o seu processo de captura e escravização¹⁶</p> <p>Trazer a reflexão de se podemos chamar um negro escravizado de um filósofo abolicionista de sua época.</p>	<p>Quadro branco e piloto</p> <p>Projektor</p> <p>Folhas com trechos da escrita filosófica de Ottobah</p>	<p>Construção de um seminário em que cada grupo de 6 alunos irá apresentar as seguintes propostas:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. O que é filosofia e escrita da história? 2. Pode um negro ser filósofo e escritor? 3. Trajetória e luta de Ottobah Cugoano pelo fim da escravidão <p>A avaliação deverá acontecer ao final da aula e terá duração de 10 minutos para cada grupo</p>

¹⁶ Ver: Anexo 7.

ANEXOS

Anexo 1: Exemplo de informações disponíveis na base de dados Slave Voyage



The screenshot displays the Slave Voyages database interface. At the top, there is a purple header with the logo and the text "SLAVE VOYAGES". Below the header, the title "Comércio Intra-Americano de Escravos - Base de Dados" is visible. The interface includes navigation tabs for "Resultados", "Estatísticas resumidas", and "Tabelas". Under "Resultados", there are options for "Visualização de dados" and "Linha do tempo". The "Linha do tempo" tab is selected, and the interface shows "Mostrando de 1 até 15 de 31,789 registros". A table with the following columns is displayed: "Ano chegou com escravos", "Identidade da viagem", "Nome da embarcação", and "Principal place where captives were purchased". The table contains 8 rows of data.

Ano chegou com escravos	Identidade da viagem	Nome da embarcação	Principal place where captives were purchased
1717	100002		Cartagena
1717	100003		Jamaica, place unspecified
1717	100004		Cartagena
1737	100008	Ranger	St. Eustatius
1700	100009	Resolution	Barbados, place unspecified
1730	100012	John	Jamaica, place unspecified
1730	100013	Prince of Asturias	Jamaica, place unspecified

¹⁷ <https://www.slavevoyages.org/voyage/32359/map> acesso em 20 de abril de 2025

Anexo 2: Trechos da obra de Baquaqua

“E, imagine minha surpresa quando vi que a pessoa que me trazia comida era um velho conhecido, um conterrâneo. Ele não me reconheceu a princípio, mas quando me perguntou se meu nome era Fardo, e eu lhe disse que sim, o pobre homem encheu - se de alegria... Seu nome era Woo-roo, vinha de Zoogoo, e fora escravizado lá recentemente há cerca de dois anos...”

Perguntou-me sobre seus amigos de Zoogoo, se eu vieram de lá recentemente, olhou para minha cabeça e observou que meus cabelos estavam cortados do mesmo jeito como estávamos juntos em Zoogoo e concordei.

Talvez caiba aqui notar que, na África, as nações das distintas partes do território têm seus modos diferentes de cortar o cabelo e são conhecidas, por essa marca, a que parte do território pertencem.

Quando estávamos prontos para embarcar, fomos acorrentados uns aos outros com cordas pelo pescoço e assim arrastados para a beira mar [...] Não sabia meu destino. Feliz de mim que não sabia. Sabia apenas que era um escravo, acorrentado pelo pescoço, e devia submeter-me prontamente e de boas vontade, acontecesse o que acontecesse. Isso era tudo quanto eu achava que tinha que saber. ¹⁸

¹⁸ LARA, Silvia Hunold. Biografia de Mahommah G. Baquaqua. Universidade estadual de campinas

Anexo 3: Texto sobre a escravização em Cuba

A abolição da escravatura em Cuba se concretizou em 7 de outubro de 1886, décadas depois da primeira onda abolicionista no mundo. O processo de abolição ocorreu através da gradual transição do sistema escravista: Cuba, assim como o Brasil, foi um dos últimos países da América a abolir a escravidão. Cuba era uma colônia do Império Espanhol de grande importância estratégica nas rotas marítimas que conectavam a Espanha às demais colônias americanas. Ao longo do século 19, Havana foi uma das maiores cidades escravistas do Novo Mundo, juntamente com o Rio de Janeiro. “Cuba passou de um sistema escravista marginal a um dos maiores destinos de pessoas escravizadas no século 19”. As abolições pela América foram consequência de uma série de fatores, como a crescente circulação do ideário iluminista, o surgimento do igualitarismo radical e, especialmente, a resistência escrava presente em todo o período de escravidão.¹⁹

¹⁹Disponível em: <https://www.fflch.usp.br/38892#:~:text=A%20aboli%C3%A7%C3%A3o%20da%20escravatura%20em,Am%C3%A9rica%20a%20abolir%20a%20escravid%C3%A3o.> Acessado em 14/04/2025

Anexo 4: Mapa da América com localização geográfica de Cuba



Anexo 5: Material complementar com trechos da obra de Manzano

A Senhora Dona Beatriz de Jústiz, Marquesa Jústiz de Santa Ana, Esposa do Senhor Dom Juan Manzano, gostava de pegar as crioulas mais bonitas, quando tinham entre dez e onze anos, dar-lhes uma educação de acordo com sua classe e condição [...] Entre as escolhidas, estava uma Maria del Pilar Manzano, minha mãe, que, entre as mucamas da velhice da Senhora Marquesa Jústiz, era uma das criadas de distinção ou de estimação

Assim, decidi descrever os acontecimentos mais notáveis que acarretaram a opinião tão terrível quanto nociva que tinham de mim. Sei que nunca, por mais que me esforce em ter a verdade nos lábios, serei considerado um homem perfeito ou de bem, mas, ao menos perante o juízo sensato do homem imparcial, se verá até que ponto chega a perversão do maior número de homens contra o infeliz que incorreu em alguma fraqueza.

Eu era demasiadamente jovem e só conservo algumas ideias vagas, mas a verdadeira história de minha vida começa em 1809, em que a sorte começou a vir contra mim em grau de maior furor, como veremos.

Como a melancolia estava já instalada em minha alma e havia tomado em meu físico uma parte de minha existência, eu me sentava embaixo de uma guaxiúma, cujas raízes formavam uma espécie de pedestal, e me alegrava compondo alguns versos de memória, todos eram sempre tristes, que eu não escrevia por ignorar esse ramo. Por isso sempre trazia um caderno de versos na memória e, por qualquer coisa, improvisava.

O agradável sonho de minha esperança, eu já não era um escravo fiel. De manso cordeiro, me tornei a criatura mais desdenhosa e não queria ver ninguém que me falasse sobre esse assunto. Quisera ter asas para desaparecer, transplantando-me para Havana. Embotaram-se todos os sentidos de gratidão e só pensava em minha fuga.²¹

²¹ CASTRO, Alex. A autobiografia do poeta-escravo. São Paulo: Hedra, 2015

Anexo 6: Tradução do poema Mis Treinta anos

Meus trinta anos

Quando olho para o espaço percorrido
Desde meu berço, e todo meu progresso,
Estremeço e saúdo meu sucesso
Mais por terror que por amor movido.

Espanta-me o combate que eu, renhido
Sustentei contra a sorte vil e fria,
Se é que posso assim chamar a porfia
De um ser tão infeliz e mal-nascido.

Trinta anos há que estou vivo na terra.
Trinta anos há que, em gemedor estado,
Triste sina em todo lugar me assalta.

Mas nada é para mim a dura guerra,
Que em vão suspirar tenho suportado,
Se a comparo, oh Deus!, com o que me falta.

(tradução: Pablo Zumarán)²²

²² <https://juanfranciscomanzano.com/poesias/> acesso em 20 de abril de 2025

Anexo 7: Trechos da obra de Ottobah Cugoano para a análise dos conteúdos filosóficos e onde ele nos mostra o seu processo de captura e escravização

Quanto mais aqueles homens insistem em práticas de maldade e perversidade, mais descontrolados eles ficam; nada na história pode ser comparado à barbaridade e à crueldade das torturas e assassinatos cometidos sob vários pretextos durante a escravidão moderna, exceto os anais da Inquisição e os sangrentos éditos dos massacres papais.

É, portanto, manifesto, que algo mais deve ser feito, e o que é preciso, é evidentemente o dever incumbente de todos os homens esclarecidos, e de todo homem que reivindique ou que tenha afinidade com o nome de Cristão, que o tratamento miserável ao que os escravos africanos estão submetidos, deve ser abolido; e é ainda mais evidente, que todo e qualquer parte desse tráfico iníquo de escravos, não pode em quaisquer lugares ou níveis, ser admitido, a não ser entre aqueles que eventualmente renunciam suas próprias pretensões de qualquer nível de sensibilidade e humanidade, como os bárbaros e russos.

Nenhuma necessidade, ou qualquer situação dos homens, não importa quão pobres, miseráveis e desgraçados eles possam ser, pode autorizá-los roubar os outros, ou obrigá-los a tornarem-se ladrões por serem pobres, miseráveis e desgraçados: Mas os ladrões de homens, os sequestradores, embusteiros e donos de escravos, que subtraem os direitos comuns e privilégios para beneficiarem e enriquecerem eles mesmos, são universalmente aqueles deploráveis e detestáveis desgraçados; pelo ludibriamento de outros, e por retirarem sua liberdade através da escravidão e opressão, são o pior tipo de ladrão, a maior oposição a qualquer tipo de preceito e injunção da Lei Divina, e contrário ao comando que exige que todos os homens deveriam amar seus próximos assim como a si mesmos, e que eles deveriam fazer ao outro aquilo que eles gostariam que o outro fizesse a eles. Para qualquer outra lei que os donos de escravos possam fazer entre eles, como respeitar os escravos, ela não pode ser de melhor natureza, nem conceder-lhes qualquer melhor caráter, do que o que sugerem o senso comum - de que haveria honestidade entre os ladrões. Essa pode parecer uma comparação dura, mas o paralelo é tão coincidente que devo dizer que não encontro outra forma de expressar meus Pensamentos e Sentimentos sem fazer uso de palavras e comparações severas contra os portadores de tal maldade depravada.

Nasci na cidade de Agimaque, na costa de Fantee; meu pai era acompanhante do rei naquela parte do país de Fantee, e quando o velho rei morreu, fiquei em sua casa com sua família; logo depois fui mandado buscar por seu sobrinho, Ambro Accasa, que sucedeu ao velho rei na chefia daquela parte de Fantee conhecida como Agimaque e Assinee. Eu vivi com seus filhos, gozando de paz e tranquilidade, por cerca de vinte luas, que, de acordo com seu modo de calcular o tempo, são dois anos. Fui chamado para visitar um tio que morava a uma distância considerável de Agimaque. No primeiro dia após a nossa partida chegamos a Assinee, e o terceiro dia à casa do meu tio, onde vivi por cerca de três meses, e pensava então em voltar para o meu pai e sua jovem companheira em Agimaque; mas a essa altura eu já estava bem familiarizado com alguns dos filhos das centenas de parentes do meu tio, e durante alguns dias fomos ousados demais em ir à floresta para colher frutas e caçar passarinhos, e as

diversões que nos agradavam. Um dia recusei-me a ir com os outros pois estava bastante apreensivo de que algo pudesse nos acontecer; até que um dos meus colegas de brincadeira me disse, só porque você pertence ao homem poderoso você está com medo de arriscar sua carcaça, ou então do “bounsam”, que é o diabo. Isso me enfureceu tanto que tomei a decisão de juntar-me aos outros e fomos para a floresta como de costume; mas não havíamos passado mais de duas horas antes que nossos problemas começassem, quando vários grandes malfeitores vieram de repente sobre nós, e disseram que havíamos cometido uma falta contra seu senhor, e deveríamos ir a responder por nós mesmos diante dele. Alguns de nós tentaram fugir em vão, mas logo nos foram apresentadas pistolas e cutelos, ameaçando-nos, que se nos mexêssemos, cairíamos todos mortos no chão.

Nessa situação, continuamos por vários dias à vista de nossa terra natal, mas não pude encontrar nenhuma pessoa bondosa que pudesse levar notícias minhas para Accasa ou Agimaque. E quando finalmente fomos levados, a morte era mais preferível do que a vida, e um plano foi traçado entre nós para que pudéssemos queimar e explodir o navio, e que morrêssemos todos juntos nas chamas, mas fomos traídos por uma de nossas conterrâneas que dormiu com alguns dos chefes do navio, prática comum entre aqueles sujos e imundos marinheiros que pegavam mulheres africanas para deitarem sobre seus corpos; mas os homens eram acorrentados e encarcerados em buracos. As mulheres e meninos seriam os encarregados de incendiar o navio, com a aprovação e os gemidos dos demais; embora tenhamos sido prevenidos de que a descoberta do plano resultaria em uma cruel e sangrenta cena.

No entanto, ainda é penoso pensar que outros milhares sofreram em angústia semelhante e maior, sob as mãos de ladrões bárbaros e mestres impiedosos; e que muitos, mesmo agora, estão sofrendo em toda a amargura extrema da dor e aflição, que não há palavras capazes de descrever. Os gritos de alguns, e a visão de sua miséria, podem ser vistos e ouvidos de longe; mas os gemidos profundo de milhares, e a grande tristeza de sua miséria e desgraça, sob a pesada carga de opressões e calamidades infligidas sobre eles, são tais que só podem ser nitidamente conhecida pelos ouvidos de Jeová Sabaoth, Senhor Todo-Poderoso.

Este Senhor dos Exércitos celestes, em sua grande Providência, e em grande misericórdia para comigo, abriu caminho para minha libertação de Granada.²³

²³ CUGOANO, Quobna Ottobah. Thoughts and sentiments on the evil of slavery. Originalmente publicado em Londres 1787. Pensamentos e Sentimentos sobre o mal da escravidão - Quobna Ottobah Cugoano. Traduzido por: José Ygor Pena. Rio de Janeiro, 2022.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meu ori e aos meus orixás por manterem minha cabeça no lugar

Agradeço aos meus pais e aos meus colegas de turma que sempre estiveram presentes